

Reflexión Teológica



**Ir. María Freire
da Silva, ICM¹**

**A NOVIDADE DE JESUS:
O DEUS QUE É AMOR**

Religiosa del Inmaculado Corazón de María. Nació en João Câmara, Rio grande do Norte (Nordeste de Brasil). Magister en Teología Sistemática de la Pontificia Facultad de Teología Nuestra Señora de la Asunción (São Paulo). Doctora en teología dogmática de la Universidad Gregoriana de Roma. Es profesora de teología y vice-coordinadora del Programa de Posgraduación de la Pontificia Universidad Católica de São Paulo.

Resumen

O artigo tem como objetivo estudar a Novidade de Jesus, demonstrando que Deus é amor e não vive enclausurado em sua solidão, mas entrelaçado em seu amor de Pai Filho e Espírito Santo. E que em seu Mistério de amor Deus é único sem ser sozinho. Essa dinâmica revela-se no espaço da história humana e do homem e da mulher verdadeiros reflexos da beleza do Deus trinitário.

El artículo tiene como objetivo estudiar la Novedad de Jesús, demostrando que Dios es amor y no vive enclaustrado en su soledad, sino entrelazado en su amor de Padre, Hijo y Espíritu Santo. Y que en su Misterio de amor Dios es único sin que por ello sea solitario. Esa dinámica se revela en el espacio de la historia humana y del hombre y de la mujer, verdaderos reflejos de la belleza del Dios trinitario.

Introdução

Sem dúvida, o Concílio Vaticano II trouxe à vida da Igreja e, portanto, à teologia uma grande renovação a respeito da linguagem do método e dos conteúdos. O Concílio se centra no mistério de Cristo, da Igreja e do ser humano. A respeito do mistério trinitário se põe em relevo a Trindade econômica: Deus no evento de salvação em Jesus Cristo; e, em seguida, a Trindade Imanente: o que significa Deus em si mesmo, em seu mistério de Pai, Filho e Espírito Santo. O ser humano se encontra sempre imerso no mistério de Deus.

Indubitavelmente, “A revelação trinitária é a revelação definitiva de Deus, a auto comunicação total e conclusiva”². Com a revelação trinitária Deus diz tudo referente a si, por meio de seu Filho. Em Cristo, o Filho de Deus, palavra que se fez carne, manifestou e tornou visível a comunhão amorosa relacional: Pai, Filho e Espírito Santo. Três pessoas que se realizam no encontro pessoal fundante, onde Pai, Filho e Espírito Santo dão, recebem e compartilham suas pessoas em gesto de absoluta gratuidade.

1. A Novidade de Jesus: O Deus que é amor

Quando nos referimos ao termo novidade, poderíamos nos perguntar o que sentem os poetas quando criam seus poemas e os músicos ao comporem as sinfonias? Existe sempre uma origem em nossa vida. Origem é movimento, dinamismo, energia, ação, novidade. Beethoven quando escrevia colocava no alto da partitura: “Tocar com o coração”. Mozart dizia: “É preciso caprichar em cada nota”. Caprichando em cada nota, vislumbrando o infinito, conhecendo a realidade de seu tempo, os músicos, os poetas declamaram, fizeram composições das mais belas sinfonias tocadas com o coração, escritas nas mais lindas páginas da literatura universal em todos os tempos. É o capricho em cada nota é o tocar com o coração que deu origem às mais belas poesias e às músicas cantadas em todos os tempos, a novidade.

Quando se trata da revelação de Deus, o princípio criador é sempre originante da beleza, da harmonia, da origem, da reverência, do maravilhoso, do esplendor

e da novidade. Portanto, a novidade provoca inclinação diante do criador na intenção de transcender e captar o coração que criou e ajoelhar-se no espaço de onde algo se originou. Essa ideia está presente no livro do Gênesis (1,1ss), através do termo *bereshit bará* que retrata a imagem da criação primeira. *Reshit* significa origem, princípio, cabeça, ação, energia, força, movimento. *Bará* significa embrião, ovo que se rompe, semente que se multiplica. “Deus separou o céu e a terra”.

Existe sempre uma
origem em nossa
vida.

Portanto, falar da novidade de Jesus é afirmar que Deus é amor (Jo 4, 14-16). Esse amor é relacional. O que significa

falar de Deus em sua comunhão trinitária, mistério amoroso? Já afirmou Orígenes (182-253) no II séculos do cristianismo que Deus é único sem ser sozinho³. Essa vida divina comunitária é revelada e compreendida na economia de salvação na revelação em Jesus Cristo. O Filho, Jesus Cristo, é, na vida trinitária, o gerado-amado do Pai por toda eternidade, o Filho em ritmo de amor é o ser em acolhida. Recebe o dom-amor, acolhe, o devolve e o transmite. Jesus, na comunhão trinitária, faz

a experiência de filiação. Ele é o Filho amado do Pai, vive na dinamicidade do Espírito.

No século IV, santo Agostinho denominou Deus de: “Beleza sempre antiga e sempre nova”⁴. Beleza essa, que cria e re-cria, numa autodoação de si mesmo na evolução do mundo e da *Kénosis* na Cruz, para ressurgir plenamente na manhã da Ressurreição. A realidade do Deus uno e trino constitui ser um com o outro, para o outro, no outro, numa *pericórese* (comunhão) de amor, inter-relação de comunhão.

Deus é amor. Precisamente por isso, não está sozinho no amor, como os que amam mutuamente estão no amor. Deus não é somente o eu que ama e o tu amado, mas Ele é o acontecimento irradiante do próprio amor⁵. E o amor como unidade relacional, comunhão de pessoas trinitárias, que se encontram e gozam ao se acharem mutuamente vinculadas no próprio ser divino. Sendo Pai, Deus entrega seu próprio ser em gesto de geração, fazendo com que surja assim uma pessoa diferente que recebe seu

próprio ser e o compartilha em gesto de agradecimento: o Filho.

O amor só é infinito quando o dar e o receber -a felicidade do encontro- são infinitos. Por isso, o Pai é doação total, ilimitada e eterna. Igualmente e ilimitada é a acolhida do Filho que recebe seu ser e lhe corresponde. Um e outro somente existem no encontro, como sujeitos pessoais de uma relação de amor.

*O amor só é
infinito quando
o dar e o receber
-a felicidade do
encontro- são
infinitos.*

No entanto, o amor de dois não pode fechar-se neles mesmos; sua relação só é perfeita quando, olhando um para o outro, ambos se unem e olham ao mesmo tempo para um terceiro, “fazendo” assim surgir o Espírito Santo comum que é fruto do amor de um e de outro. Amor culminado (cf. *De Trin.* III, 2-4).

Nesta perspectiva, o Espírito não é apenas amor comum, vínculo que une o Pai ao Filho em unidade dual personalizada, como espaço dialogal de encontro. O Espírito é chamado de “Condi-lectus” o “Amado” em comum. O amor comum, espaço e forçada

dualidade, se ratifica e culmina quando os amantes, unindo-se no vínculo mais profundo, se unem e se vinculam para amar unidos, fazendo surgir a Pessoa nova que é o Espírito “Condilectus”.

Não há caridade, nem plenitude sem amor mútuo para comunicarlhe o gozo supremo da comunhão (*De Trinitate* III, 11). Culminam dessa forma os graus do amor. Amor implica doação, em generosidade geradora (Pai). Implica comunhão: Filho e Pai se encontram e dialogam, em comunicação direta, em transparência plena. O Amor comum só é perfeito quando suscita um terceiro ou “Condilectus”. O Espírito Santo a quem oferecem o que compartilham, sendo diferentes um e outro.

2. O Deus que é Amor na Economia de Salvação

Do ponto de vista de Bruno Forte, o Filho é irradiação do Pai, esplendor da sua Palavra, exteriorização, no misterioso evento da Encarnação, do amor do Pai, da vida da Trindade Santa. Por excelência, então, o Filho é “o” Belo. Bruno Forte afirma, com

Tomás de Aquino, que “três coisas requer a beleza, de fato. Em primeiro lugar, a integridade ou perfeição... Então, a devida proporção ou harmonia. E depois a luminosidade...” (VB 23)⁶. Em outras palavras, o Todo se faz presente no Filho encarnado não somente como harmonia, mas também como transgressão, irradiação, arrebatamento, laceração: o Infinito na fragilidade do finito, o Eterno no tempo, o Bem supremo na morte de cruz. O ágape crucificado é a revelação da beleza que salva... É daqui que nasce o nome destinado à maior fortuna nas línguas ocidentais: “belo”... (VB 24)

*O ágape crucificado
é a revelação da
beleza que salva...*

A experiência cristã nascente não veio competir com a filosofia grega por uma determinada visão especulativa da realidade. Ela se compreende no âmbito de um acontecimento (*kairós*) e de uma relação direta com a vida, as palavras, os sinais, as ações, a morte e a ressurreição de um homem concreto, Jesus de Nazaré - e não a partir de qualquer especulação sobre a natureza do real. Cris-

to, por outro lado, jamais se afirmou como uma espécie de filósofo face ao sentido da vida ou de herói solitário frente ao destino. Em tudo o que dizia e fazia, sempre afirmou uma relação que o envolvia a si, a alguém maior do que ele e a outro que havia de vir⁷.

No entanto, do ponto de vista de Bruno Forte, “o Verbo Jesus nos conduz à fonte da beleza, atraindo-nos com vínculos de amor: temos aqui o outro movimento que perpassa o caminho da beleza, o caminho ascendente do amor responsorial, suscitado pelo amor vindo a nós como graça e liberdade”⁸. À luz da experiência da ressurreição e da fé no Cristo que se manifesta aos discípulos, a comunidade cristã nascente reconhece a identidade entre o crucificado e o ressuscitado.

O doar a vida de Jesus até as últimas consequências, morrendo na cruz, tem sido referencial de seguimento radical de Jesus Cristo por seus discípulos e discí-

pulas em todos os tempos. A comunidade apostólica e a seguinte tornaram-se arquétipos para os cristãos no decorrer da história. Ensolarada pela ressurreição, a comunidade primitiva desafiou os poderes terrenos em sua arrogância e prepotência.

Sem a cruz, esvazia-se o sentido da ressurreição, ao passo que sem a ressurreição, a cruz perde sua originalidade e atualidade na

A comunidade apostólica e a seguinte tornaram-se arquétipos para os cristãos no decorrer da história.

história. A cruz de Jesus não se limita a tornar pública a entrega do Filho ou a exaltar suas dores e sofrimentos. Nela o despojamento de si dá-se na totalidade da comunhão intratrinitária. Dor e angústia transmutados em vida. O Pai e o

Espírito realizam junto ao Filho na cruz, a oferta generosa de si como dom destinado ao mundo. Dá-se assim, por meio da entrega do Filho, intrinsecamente e sem concorrência, a entrega do Pai e do Espírito:

O centro da nossa fé é o Deus de Jesus Cristo. Ele que se tornou próximo a nós mediante a encarnação do Verbo. É Deus vivente.

Nele se encontram a esperança e a plenitude do ser humano.

Deus, sendo amor, escolhe o ser humano no seu inefável amor para que esse torne visível a bondade do seu criador. E Deus mostra seu amor através de nós (Rm 5,8). O amor de Deus foi reservado em nossos corações através do Espírito Santo (Rm 5,5). O Filho, enquanto amado do Pai (Mc 1, 11) desde toda eternidade, (Jo 17, 24) é o dileto do Pai (Ef 1, 6) e este amor transborda para a humanidade, submergindo-a em águas profundas, fazendo-a receber a vida do próprio Deus⁹. Esse amor transborda em nós através do sacrifício do próprio Filho que o Pai entregou por amor a nós (Rm 8, 32).

Sem dúvida, quando afirmamos que Deus é amor, isso exige uma experiência amorosa entre Ele e o ser humano. Falar de experiência de Deus significa que, na revelação em Jesus Cristo, Deus veio a nós fazendo comunhão conosco. Essa comunhão se caracteriza por uma relação profunda com o mistério trinitário de Deus. Como afirmou Gregório Nazianzeno: é a relação com uma única luz consti-

tuída pela unidade e a comunhão de Deus que se derrama em nós. Essa relação com Deus Pai que se derrama sobre nós pelo Cristo, acontece no dinamismo do terceiro que é o Espírito Santo (Mt 12, 32). Ele que dinamiza o amor entre nós e o Pai. A Trindade existe sempre como três pessoas no amor recíproco.

A reflexão teológica sobre a Trindade seguiu fundamentalmente duas vias: Uma, a mais conhecida, tem estudado as relações de origem, radicada na revelação; outra se refere ao mistério sobre o registro do amor, também, radicado na revelação. A primeira privilegiou o ser; a segunda o existir. Do nosso ponto de vista, as duas vias se integram uma na outra, com a outra. Nesta linha, podemos afirmar a Trindade como amor de reciprocidade: uma verdadeira *kénosis* em plenitude do ser pela reciprocidade¹⁰.

Na experiência comunitária da criação, mulher e homem ocupam seu espaço peculiar, assumindo responsabilidades. Nesse espaço fazem a experiência de Deus, do outro, do cosmos. É a possibilida-

Na revelação em
Jesus Cristo, Deus
veio a nós fazendo
comunhão conosco.

de de reconhecer a Trindade em todas as coisas e todas as coisas na Trindade. A experiência de comunhão se dá através da História. É a experiência histórica do Deus-Trindade. Nessa dinâmica a fraternidade é derramamento e acolhida de amor.

O amor fraterno tem uma abertura universal. Para o mundo hebreu, a experiência de próximo é a experiência realizada na família e estendida aos grupos sociais - o povo de Israel. É a chamada Filadélfia. O amor fraterno transforma a pessoa que ama e tende a transformar a pessoa amada: torna-se filantropia (Mt 25). É a fraternidade geradora de comunhão¹¹.

No entanto isso exige entrelaçamento comunitário, onde se gera complexidade. Por complexidade entendemos no seu contexto original “complexus” significa abraçar, enlaçar, entrelaçar, estreitar. O substantivo “complexus” significa o abraço, o ato de fechar com os braços, o abraço paternal, amigável e ainda, o ato de com-

preender um grande número de coisas diferentes¹². *A complexidade é a “vida nas dobras”.*

3. Experiência de amor

A vida na Trindade é de auto comunicação e superabundância do bem. O Pai em seu amor misericordioso sai de si pelo Filho mediante a força do Espírito para se comunicar com a história: humana e cósmica. O Filho, por sua vez, aceita ser a auto comunicação divina no coração da história, conduzido pelo Espírito. O Espírito, em sua força dinamizadora, desce sobre o caos primitivo e sobre a humanidade, como sopro divino criador e recriador, iluminando

os espaços nos quais Jesus teria que agir. Assim se pode dizer: A vibração cósmica é a origem e razão de todas as formas de energia e matéria no cosmo. O vibrante fôlego (Espírito) de Deus é como que o tom pelo qual está afinada a criação do mundo. Deus respira por toda criação.

*A vida na Trindade
é de auto
comunicação e
superabundância
do bem.*

Toda experiência de Deus que é amor, é experiência de comunhão que se abre para novas experiências. É no experienciar sempre de novo, que se compreende o mistério pascal de Jesus, como o dinamismo da vida de todos os cristãos que assumem, com radicalidade, o Projeto do Reino. A vida cristã é identificada num duplo processo de identificação com o crucificado. Porém, Jesus é compreendido à luz da Ressurreição. O ser espiritual vive a dinâmica da cruz-ressurreição. O homem novo, interior, segundo São Paulo (2Cor 4, 16). O cristão vive a dialética da cruz-ressurreição.

Imerso nessa dialética, o ser humano percebe que a novidade de Jesus é revelar o Deus da proximidade, da misericórdia, da inclusão de mulheres e homens na ciranda da vida. Beleza que salvará o mundo, revela-se e age no sinal de seu contrário [...] Eis por que é, em última análise, no mistério do Deus crucificado que se revela, à existência humana, sua profunda tragicidade: se Deus

fez a sua morte, pagando até o fundo o preço da liberdade, o caminho da cruz permanecerá para sempre nesta Terra como via da liberdade e da beleza. Justamente porque o Filho eterno bebeu até a última gota o cálice amargo, este será o caminho que conduzi- rá à vida, onde a beleza será, enfim, plenamente manifesta e não conhecerá ocaso.

Conclusão

*A morte de
Cristo, no plano
da salvação de
Deus é o vértice
da manifestação
do seu amor
demonstrado ao
mundo.*

A morte de Cristo, no plano da salvação de Deus é o vértice da manifestação do seu amor demonstrado ao mundo. Tal morte vem na encarnação do eterno Filho como expressão do amor do Pai às criaturas¹³.

Portanto, a partir da novidade de Jesus que nos revela o Deus amor, a base da doutrina da Trindade como pessoas em mútua-comunicação, o ser humano pode ser entendido não primeiramente como um indivíduo isolado, mas como pessoas em relação expressando-se na comunhão. Sem dúvida, a doutrina trinitária é base fundamental

para a compreensão da comunhão e mútua natureza humana, como também é base para uma crítica profética a todo tipo de sexismo, exploração econômica e relações de dominação¹⁴.

Deus em suas relações mútuas está livremente e reciprocamente inter-relacionado com suas criações de modo que respeita sua identidade. Dessa forma o ser humano é chamado em si mesmo para viver essa relação de reciprocidade com todos. O Deus trinitário é dinâmico e fecundo em sua expressão. Daí as consequências desses princípios para a vida humana e para a prática de novas relações sociais e ecológicas na defesa da vida dos pobres.

As forças de resistência se exaurem quando falta paixão, o amor pela vida. Quem, hoje, quiser viver e quiser que os/as outros/as vivam, tem que querer a vida conscientemente. Tem que aprender a amá-la com tal paixão a ponto de não se acomodar às forças da destruição e não permitir que as forças da morte ocupem terreno.

Quanto mais os membros se amarem e alargarem o coração, mais a vida nova desabrocha. A vida no Espírito é amplidão sem limites (Jó 36,16).

Na Trindade, tudo acontece interligado e compartilhado. O Pai por ser Pai não subordina o Filho e nem o Espírito Santo. O Filho não é sufocado pelo Espírito, mas iluminado em suas ações. Agem conjunta e distintamente numa integração do eu, do tu e do nós em vista da comunhão universal da comunidade humana e cósmica. O eterno é o presente e o presente é a plenitude eterna.

O papa João Paulo II, ao falar da criação como obra da Trindade, usou a expressão mais bela: “A criação do mundo é obra do Amor: o universo, dom criado, flui do dom incriado, do amor recíproco do Pai e do Filho, da Santíssima Trindade”¹⁵. O amor define o Deus da tradição bíblica (cf. 1Jo 4, 8. 16) e se tem em conta que esse Deus Amor é precisamente o Deus trinitário denominado de Pai, Filho e Espírito Santo. A compreensão de um Deus amor tem nos trazido importante contribuição através da práxis de libertação dos pobres

O Deus trinitário é dinâmico e fecundo em sua expressão.

e a superação dos mecanismos de opressão-dominação nos propondo uma vivência comunitária social e ecológica, baseada na corresponsabilidade, na diversidade cultural, constituindo unidade¹⁶.

Notas:

- ¹ Ir. Maria Freire da Silva Religiosa da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria. Nasceu em João Câmara, Rio Grande do Norte (Nordeste de Brasil). Mestre em Teologia Sistemática na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção São Paulo-SP. Doutora em Teologia Dogmática pela Universidade Gregoriana de Roma. É Professora de Teologia e chefe do Departamento de Teologia Sistemática da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- ² MONDIN, B. *La trinità mistero d'amore*, ESD, Bologna, 1993. p.89.
- ³ ORIGENES, *Contra a Celso*, 8, 12, 17, Col. Patrística vol. 20, São Paulo, Paulus, 2004. pp.617,623.

- ⁴ AGOSTINHO DE HIPONA. Confissões, Col. Patrística vol. 10, São Paulo, Paulus, 1997. p.299.
- ⁵ CODA, P. *Dios uno y trino: Revelación, experiencia y teología del Dios de los cristianos*, Salamanca 2000. p. 260.
- ⁶ BUROCCHI, A. M. *Ética e Estética na Teologia Trinitária de Bruno Forte*, FAJE Belo Horizonte, 2011.
- ⁷ ROSA, S.M. J. "O primado da relação, da Intencionalidade trinitária da Filosofia" in Revista da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa (Lisboa), Didaskalia 36 (2006/1), pp. 139-170, 2006.
- ⁸ FORTE, B. *A porta da beleza: por uma estética teológica*. Aparecida: Ideias e Letras, 2006. p. 23.
- ⁹ ZANGHÍ, G. Dio che è amore: trinità e vita in Cristo. Città Nuova, Roma, 2004. pp. 70-71.
- ¹⁰ Idem, p.96.
- ¹¹ T. OSSANNA, *Maria Nossa Irmã*. Paulinas, São Paulo, 1997, pp 96-99.
- ¹² Idem., p.13.
- ¹³ MARTINELLI, P. *La morte di Cristo come rivelazione dell'amore trinitario*. Milano, Jaca Book, 1996. p. 422
- ¹⁴ EDWARDS, D., *Jesus the Wisdom of God., An Ecological Theology*, Paulus, Maryknoll, New York. 1995. pp. 115-117.
- ¹⁵ Citado *Trinidad y creación* in Semanas de Estudios trinitarios, Secretariado trinitário, Salamanca 2003. p.157.
- ¹⁶ SILVA. F. Maria, "Sobre o Termo Pericórese" in Revista de Cultura Teológica, n. 14. Jan/mar/1996. PP.19-38.